

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha | Assinatura conjuncta do Século, Supplemento Humoristico do Século e da Illustração Portuguesa

Anno.....	48000	Anno.....	88000	Trimestre.....	28000
Semestre.....	24000	Semestre.....	48000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre.....	18200				

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: O THEATRO POR DENTRO, (cliche de Benoit) • Texto: O LEQUE ARMA DE GUERRA, 20 illustr. • A CAÇADA DO GEREZ, 10 illustr. • A EVOLUÇÃO DA DAHLIA EM PORTUGAL, 17 illustr. • O THEATRO POR DENTRO, 24 illustr. • A FESTA ESCOLAR DE LISBOA, 10 illustr. • O MARECHAL HERMES DA FONSECA EM LISBOA, 3 illustr. • O COMÍCIO REPUBLICANO, 3 illustr. • • • • •

BELEZA DO ROSTO
O LEITE ANTEPHELICO
 ou Leite Caxardés
 para ou misturado com agua, dissipa
 Sardas, Tox Crestada
 Pimples Rubras, Borbulhas
 Pingo Sarabulhoso e
 Vermelhões, Albugens e
 conserva a cutis
 macia, favela
BELEZA DO ROSTO

ST. MARC'S ST. PARIS
 1880
 1880

O LEITE ANTEPHELICO
 ou Leite Caxardés
 para ou misturado com agua, dissipa
 Sardas, Tox Crestada
 Pimples Rubras, Borbulhas
 Pingo Sarabulhoso e
 Vermelhões, Albugens e
 conserva a cutis
 macia, favela

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e lócas as afecções do couro cabeludo.

L. DEQUEANT, Pharmacien 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A Venda em todas as boas casas do PORTUGAL.

O PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 6 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, Rua do Carmo, sobreloja—LISBOA. Consultas a 4\$000 rs. 2\$500 e 5\$000 rs.

L'Epil'vite
L'Epil'vite

CREME EPILATORIA
 prompta a ser empregada.
 Resultado garantido.
 Perfumada, dissolve instantaneamente as pennungens desengracadas, a herba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo.— Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada.

M. A. GRAZIANI, Pharm'de 1^{re} classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.
 Importador em Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.
 *Preço do frasco pequeno 800 Reas e do frasco grande 1.400 Reas.

J. CASTELLO BRANCO
Bicycletas



marca inglesa, as mais solidas e elegantes desde 28\$00. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. e outros modelos. Bicycletas inglesas Racerford model—especialmente: feito para a nossa casa, muito solida, propa para aluguei, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guard-lamas e 2 travões, preço 28\$00 réis. Enorme sortimento de accessorios taes como protectores Continental, Dunlop, Coventry, Camaras d'ar, Businas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preços barattissimos. *Grana e deposito das melhores machinas fallantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. Casa Simplex Bicycletas, Discos e Machinas fallantes. J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 41 e Rua de Santo Antão. 32 e 34.*

UPHOLSTERER & GABINET MAKER
Cadeiras



Maple

Sophás, chaise longues e cadeiras com costas artizucadas, offerecendo optima commodidade.

Ha sempre variado sortimento de modelos novos, lustradas em sup. qualidade, por preços limitados, attendendo á sua magnifica construção. Decorações completas em estylo inglez. Todos os trabalhos são dirigidos pelo seu proprietario, Gil Dias d'Assumpção, profissional especialista n'este genero de trabalhos. Fornecedor da Legação Britannica e das principaes casas de Lisboa. 35, Rua de Buenos-Ayres, 35. Telephone 41884 (residencia). Depósito unico do "PIPERINOL" o melhor preparado para dar cor e lustro de encerado em moveis, sofos e couros.

NOUVEAU PARFUM PRINCIA VIOLET
 PR. 86 DES ITALIENS, PARIS

AGUA CASTELLO

PRINCIA VIOLET

PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES E FURNEDORAS DA CASA REAL

Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,

GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pha macie MIALHE, 8, rue Favart Paris

PARFUM FLORAMYE
 L.T. PIVER
 PARIS

O LEQUE ARMA DE GUERRA



luvas d'ambar, pintou-se, resplandeceu de pedras, — apoiou-se a bastões de punho d'ouro e de Limoges, — e nunca o seu prestigio foi tão grande como no dia em que, entre os seus dedos, estremeceu o primeiro leque. De então para cá, o leque tornou-se um poema de subtilidade e uma maravilha de exterminio. Como os velhos mestres d'armas do seculo de Velasquez tiveram o instincto da *rapine*, — a mulher teve o instincto do leque. Não foi necessario um ritual para que ella aprendesse a manejar-o: tirou partido d'elle rapidamente, fulgurantemente, desde o primeiro momento em que o viu. Os pequeninos fidalgos do tempo de Philippe IV, aos dez e doze annos, ao tomar pela primeira vez uma espada, manejavam-na com mestria; a mulher, ao cahir-lhe nas mãos o primeiro leque, surpreendeu immediatamente o segredo de matar com elle. Dizer por que razão esse brinquedo de creança, nas mãos d'uma mulher, se converte n'uma arma homicida, é querer explicar o inexplicavel. Todos os poetas o tentaram, desde o divino Gorgora até Nicolau Tolentino; todos procuraram comprehender o mysterio de sensualidade que se esconde nas dobras de setim d'um leque, que estremece nas suas varetas d'ouro, e todos ficaram em palavras, em phrases, — «joia com alma», «punhal de rendas», «peste de neve, que mata pelo ar»... Não sabiam porquê, não comprehendiam porquê, — e, entretanto, não podiam deixar de reconhecê-lo: essa pequenina joia, aparentemente inoffensiva, leve, delicada, quasi immaterial, — era, de facto, uma arma de guerra.

Fazer a historia do leque como «arma de guerra» não é, evidentemente, referir quantas vezes, atravez dos tempos, elle tem quebrado as suas varetas na cara do sexo forte. Esse supremo gesto, que no seculo de D. João V servia com frequen-

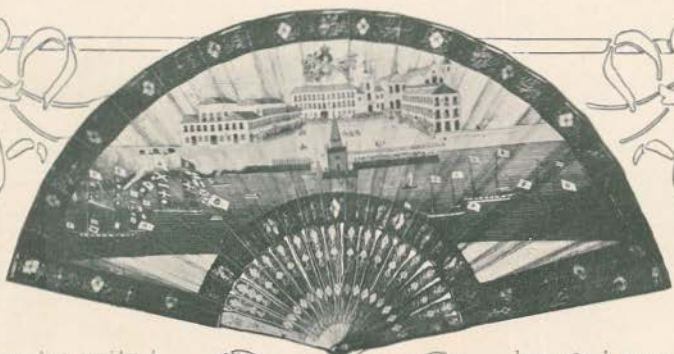
cia para castigar insolencias ou vingar despeitos, longe de ser um gesto de triumpho, era um gesto de anniquilação. O leque, impotente para vencer por outra fórma, abdicava do seu prestigio para se esfrangalhar. Quebrado sobre a cabeça d'um impertinente, deixava de ser uma arma para ser um farrapo. A sua gloria não está na violencia, — está na perfidia. Quando o leque é terrivel, não é quando

Arma de guerra? Esse pequenino brinquedo de seda e de pintura, de rendas e de nacar doirado? Essa joiasinha leve como a palpação d'uma aza, inoffensiva como uma flôr, subtil como um sorriso, — cuja prodigiosa força está precisamente na sua melindrosa fragilidade? Arma de guerra, esse sopra quasi incoercivel, esse pedacito de renda onde parece estremece e palpitar uma alma?

Não ha duvida; arma de guerra, — e das mais terribes, das mais assassinas, das mais implacaveis. No dia em que se inventou o leque, a mulher encontrou a sua lamina de Toledo. No instante em que aprendeu a manejar-o, estava resolvido o problema de matar com uma flôr. Dir-se-hia, — tão bem se entenderam desde logo! — que não foi o leque que nasceu para a mulher, mas sim a mulher que nasceu para o leque. Um e outra completaram-se, identificaram-se, — como se essa aza leve de ponto de Bruxellas, essa teia d'aranha em varetas d'ouro, esse sopra de seda, esse halito de rendas, esse *quaxinada* impalpavel, inquieto, inconsistente, fugitivo, fôsse a materialisação suprema, a expressão objectivada da alma da mulher. A mão feminina illuminou-se de joias, calçou-se de

Leque de rendas, estilo Luiz XVI, modelo de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro e executado no seu atelier





a sua dona aggride; é quando ella sorri. Não é diante d'um leque brandido por uma mão crispada e violenta, que o homem succumbe como uma crean-

leque não é uma arma para fortes; é uma arma para fracos. Todo o seu prestigio está na sua fragilidade; toda a sua força na sua fraqueza. Se aggride, morre; se sorri, mata. A perfidia



ça: pelo contrario, — é quando essa aza de seda rufia como uma caricia, arfa como um sopro, estonteia como um perfume, quando ella é toda doçura, voluptuosidade, lentidão, rythmo, sorriso. Armado so-

tinha de ser a sua estrategia. O amor, o seu campo d'acção.

Em Portugal, *et un peu partout*, o namoro utilisou o leque. Tão intimamente se ligaram desde logo, que a historia anecdoti-



bre varetas leves de nacar dourado, tecido em Malines ou illuminado por Watteau, fragil, subtil, pequenino, transparente,—o

ca de um é a historia anecdotica do outro. Leque e namoro equivalem-se. Quando se tratou de vencer o homem, a mulher

- Tres leques portuguezes do seculo XVIII
 1—O desembarque de D. João VI no Rio de Janeiro
 2—D. João VI soberano do Reino Unido de Portugal e Brazil
 3—A inauguração da estatua equestre
 (DA COLECCÃO KRIL)

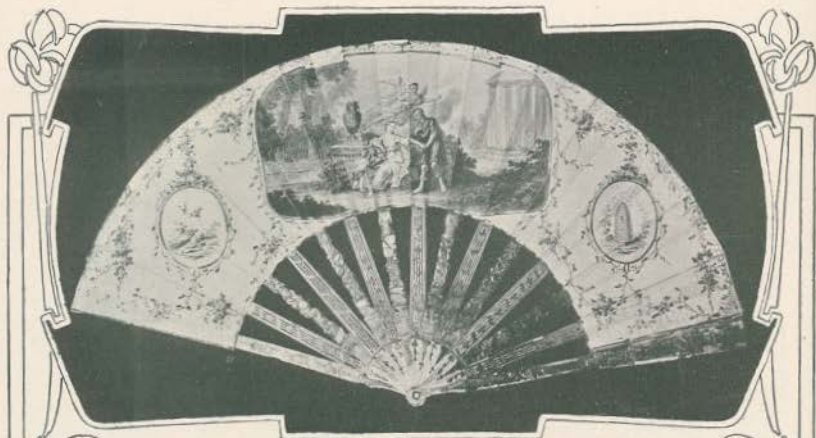


Retrato
de Lavinia Vecelli, pelo
Ticiano (existente
do Museu
de Dresden). É o quadro
conhecido
vulgarmente pelo nome
de Mulher
do Ticiano, e que immortalizou os leques
em forma de bandeira que
se usavam em Itália nos séculos
XV e XVI

NA
Leque do século XVIII



O verão: A mulher do leque. Composição de Abraham Bosse, famoso desenhador de leques do século XVIII

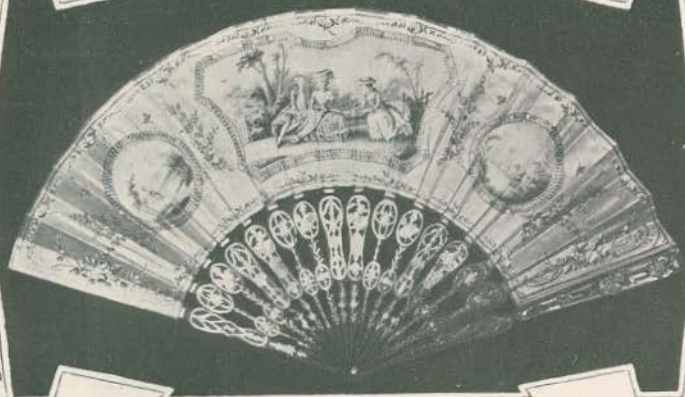


*Leque Luiz XVI, com varetas de madeira
bellos exemplares da*

*terola e ouro cinzelado, e um dos mais
collecção de Alfredo Keil*

do seculo XVIII lançou mão da sua arma de guerra. Foi com esses «punhaes de rendas», com esses «venenos de plumas», com e-sas joias de transparencia que Pedro Antonio Quillard pintava para a côrte, que as sécias de Queluz e do Ramalhão conquistaram o seu eterno inimigo. Não ha memoria de conquistas mais faceis e de triumphos mais rapidos. Diante do arfar d'um leque, tocado por esse halito de séda, o elegante dos serões do paço e dos outeiros de Abbudessa-

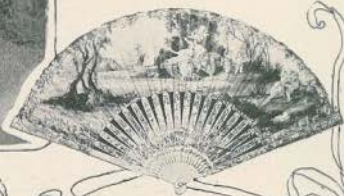
do desfallecia. Já vinha de remotas eras a nossa sensibilidade às perfidias do leque; perde-se nos tempos barbaros das lorigas, das grévas, dos coxotes e das sobre-cotas de tela d'ouro, hirtas como bronzes e sumptuosas como dalmaticas. Nun' Alvares,— diz a *Chronica do Condestabre*— só amansava das suas crises de furia e de violencia quando a mulher o abanava «com um avano». Certo arcebispo de Braga, no seculo XIV, fazia-se abanar pela amante com os flabel-



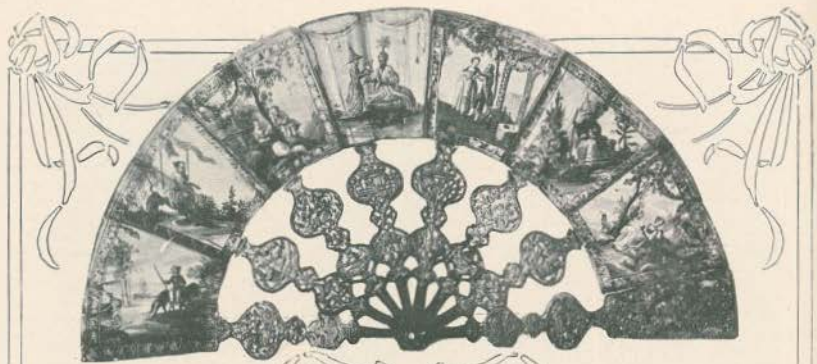
Leque do seculo XVIII da collecção Keil, em estylo Luiz XVI



los do culto. Não admira que no nosso seculo *en dentelles* os faceiras e os peraltas se sentissem aniquilados e vencidos pelo prestigio do leque, — onde a arte dos pintores se comprazia em illuminar a nudez symbolica de Amphitrite, surgindo d'uma concha d'oiro. A «arma de guerra», disfarçada sob a ctiqueta de «utensilio para namorar», exterminava, devastava, vencia. Toucada a *allemôa*, d'amarelo, a face mosqueada de signaes, os banbolins da saia tufando como o bojo d'um sino, um rozicler de diamantes tremendo-lhe no toucado polvilhado á franceza, — a elegante do seculo XVIII manejava irresistivelmente o leque e inventara um «ritual de bandarri».

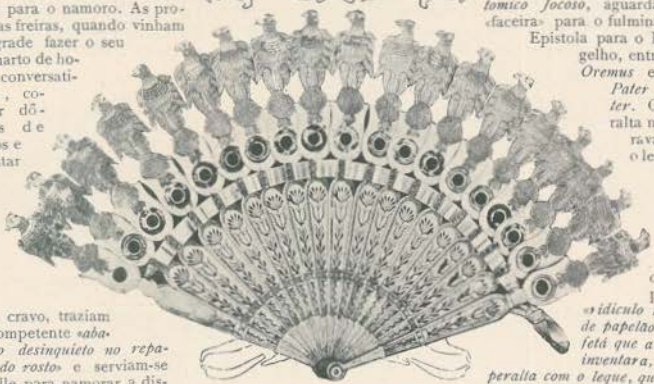


La Maja, quadro de Zamacois. E' a ultima obra do illustre pintor
—Uma reunião, quadro de V. Palmaroli



ces para o namoro. As próprias freiras, quando vinham à grade fazer o seu «quarto de hora conversativo», comer doces de ovos e cantar

tomico Jocosu, aguardava o «faceira» para o fulminar da Epistola para o Evangelho, entre um Oremus e um Pater Noster. O peralta namorava com o lenço e



ao cravo, traziam o competente «abanico desinquietao no reparo do rosto» e serviam-se d'elle para namorar a distancia em complicados manejos (Mss. da Bibliotheca Nacional codice 129, Pombalina, 114, «Advertencias freiraticas» paratodo

o chapéu, «ridiculo traste de papelão e tafetá que a moda inventara, e a peralta com o leque, que ainda mesmo em tempo frio e ventoso usava sempre». (Cartas sobre as modas, 1798, carta VII, pag. 125). O leque succedia, no namoro da secia, ao lenço, — a mais



o padecente das grades»). Nas egrejas, a «franças» de 1750, toda «cuidados de leque» como nol-a descreve o Ana-

velha arma de combate amoroso que se inventou em Portugal. Depois, o «animado cambray», o «candido

1—Um dos mais preciosos exemplares da collecção Keil: Leque chinês do seculo XVIII
2—Leque de marfim trabalhado, estylo Imperio—3 Leque de rendas portuguezas de manufactura de D. M. Bordallo Pinheiro

apenso», como lhe chamava, na sua pratinha quebrada, a linguagem das elegancias setecentistas, perdeu apenas como utensílio namorador do peralta, que «petiscava às sêcias» de tricorne de baixo do braço, espadim doirado entre as côxas, cara pintada de carmin, olhos em alvo, mordendo os beiços, e levando á bocca, de minuto a minuto, um lenço de holland branca e finissima, que não servia senão para namorar. A's palpitações d'esse lenço respondia o leque da «frança», arfando, ondeando, estremeendo, escondendo agora um sorriso, logo um olhar, fechando se docemente para se abrir mais

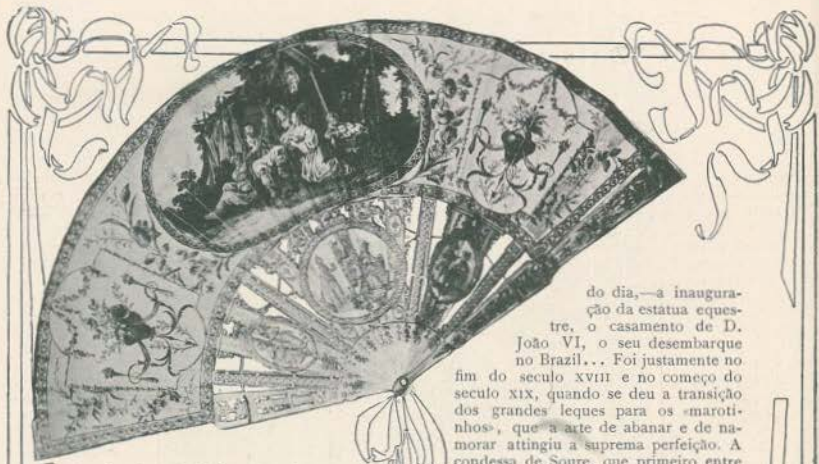


docemente ainda, fazendo sentir a distancia a suggestão do seu perfume e a caricia da sua sêda, abalando a poeira d'ouro do ar n'uma onda de ternura e de voluptuosidade, e, na sua aragem leve, rumorosa, como um susurro d'azas, desfazendo os polvilhos da cabelleira empoada que se dispersavam em volta, ténues, subteis, como uma auréola... No volume XIV do *Theatro*, pag. 319, Figueiredo descreve, por occasião de uma representação em 1770, uma elegante do tempo «com um lenço muito branco entre as mãos, a que se tornava muitas vezes para expressar os seus affectos e ternuras, o que hoje (1808)

gante do tempo «com um lenço muito branco entre as mãos, a que se tornava muitas vezes para expressar os seus affectos e ternuras, o que hoje (1808)



*Agua forte de Goya, extrahida do album Caprichos de Goya
—Leque do seculo XVIII*



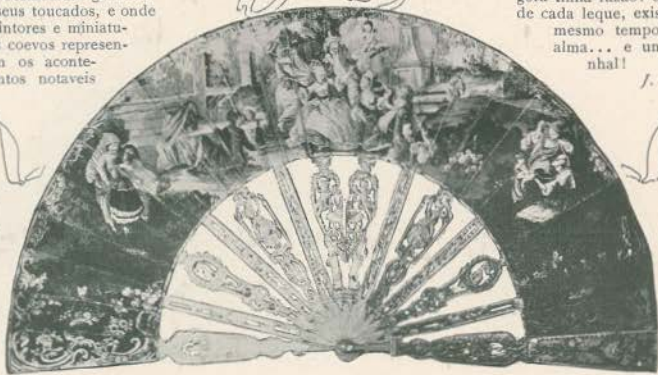
Um dos mais bellos e preciosos exemplares da rica collecção de leques organizada pelo illustre artista Alfredo Keil

suppre o leque e o desdem... O leque era então o «marotinho» do soneto de Tolentino, especie de abanico minuscuro de tafetá, pintado ou picado d'ouro, que as peralvilhas usavam exclusivamente para namorar: correspondia, entre nós, aos pequeninos leques do consulado e do Imperio, tão pequeninos e tão leves como as cabeças das suas donas, e succedera aos grandes leques de parada do terceiro quartel do seculo XVIII, immensos como biombos, onde as secias escondiam a incommensuravel patetica dos seus sorrisos e a não menos desmedida grandeza dos seus toucados, e onde os pintores e miniaturistas coevos representavam os acontecimentos notaveis

do dia,—a inauguração da estatua equestre, o casamento de D. João VI, o seu desembarque no Brazil... Foi justamente no fim do seculo XVIII e no começo do seculo XIX, quando se deu a transição dos grandes leques para os «marotinhos», que a arte de abanar e de namorar attingiu a suprema perfeição. A condessa de Soure, que primeiro entre nós usou as celebres «trouxas» à creoula, do cabelleiro Leonard, manejava o leque a primor; a condessa de Assumar, diz Rezende no *Serão nas Picóas* (pag. 8), «sem ter aprendido, como uma actriz franceza, os trinta modos de abanar-se da hespanhola D. Maria de Mendoça, que em Madrid brilhava n'aquelle tempo, tambem campava na nossa corte pelo garbo com que meneava o leque». Em volta d'ella, os peraltas, mais tarde os pisa-flores, enxameavam, falando em falsete, saltitando, briucando com o espadim e com o tricorne, dizendo asneiras, dançando medidas, e respirando, como um favor divino, o halito fresco que os desvairava, que os endoidecia, que os vencia, que os matava...

Decididamente, o velho Gongora tinha razão: dentro de cada leque, existe ao mesmo tempo uma alma... e um punhal!

J. D.



Outro valioso exemplar da magnifica e excepcional collecção de Keil

(CLICHÉS DE BENOLIEL).

A CAÇADA DO GEREZ



V

As ultimas batidas

A's nove horas, depois do almoço, entre a azáfama do desarmar das tendas e do carregar das bagagens, deixamos para sempre o acampamento das Abrotegas, onde pernoitáramos duas noites, e retomamos o caminho de Albergaria pelas margens escabrosas do Homem.

D'esta vez, a fim de evitar a repetição dos successos do dia 15, o serviço de transportes fôra escrupulosamente reorganizado. A' frente dos caçadores marchava a caravana dos almocreves, conduzindo as bagagens. Com uma

rapidez theatral, esse simulacro de povoação, que tanto trabalho

custára para erguer no inhospito planalto, quasi desaparecera. Das barracas restavam apenas pilhas de lonas dobradas. Só o pavilhão das cozinhas e o canil, construídos de taboado, se mantinham de pé. Vista de longe, aquella partida devia parecer o exodo de uma aldeia populosa, emigrando á frente do inimigo. Pelos caminhos sinuosos e íngremes da montanha, as recuas de mulas dos almocreves, os cavallos dos excursionistas, os batedores, a *équipe* de saúde e as matilhas de cães, desenvolvendo-se em extensão superior a um kilometro, animavam as solidões da serra, quebrando o silencio com o tropear sonoro das ferraduras nas lages, o latir da canzoada e os relinchos das cavalgadas.

Apprehensivo, o mestre Seraphim vinha na retaguarda com os chefes dos batedores. Abandonando a tactica dos grandes círcos, ia experimentar as montarias parciaes, de uma pratica difficilima em terrenos accidentados de serra, batendo a encosta de Palheiros e a vertente do rio Homem desde a Agua da Pala á ponte de S. Miguel. O numero de caçadores estava reduzido a pouco mais de cinquenta. Joaquim dos Santos Leitão, com o seu grupo fiel, constituido na quasi totalidade de caçadores do Club de Braga, tomára o caminho dos pia



Panorama tirado da chan de Leonie
—Um descanso na descida das Abrotegas

naltos, pelo Cantarello e a Borrageira, de onde deveria descer pelo Vidoal a Leonte, a encontrar-se conosco, depois de realisar uma rude caminhada de mais de vinte kilometros em altitudes superiores a 1:300 metros.

Passava das 11 horas quando se distribuiram os batedores para a primeira batida. A atmosfera densa envolvia a serra n'um mormaço de trovoada. O céu sujára-se de nuvens quasi immoveis, que imperceptivelmente caminhavam do sul. A maior parte dos caçadores, sob a ameaça da chuva, que não tardaria a desabar com violencia, proseguira até Albergaria, onde se abrigaram nas ruinas da antiga casa da guarda. Tudo parecia conjurar-se para tornar impraticavel o recurso supremo d'aquellas ultimas batidas, com que o mestre Seraphim pretendia salvar as honras da caçada,

durante o tracto de Albergaria para as Abrotegas, na tarde de 15. Uma bala fracturára-lhe uma perna, pretendendo o socio do club de caçadores de Braga Sepulveda de Barros ter sido quem, dois dias antes, o ferira.

Momentos depois um terceiro corço figurava no quadro, abatido pelos tiros simultaneos do dr. Jeronymo Moreira e Joao Palma, socio do club de Braga, sendo impossivel apurar qual dos dois o abatera.

A chuva, que cahia em bategas pesadas, viera impedir que a batida proseguisse. No espaço de meia hora os batedores tinham levantado tres corços n'uma



Os caçadores do Club de Braga João Palma e Alberto Mattos

Mas não tardou que se ouvissem echos de tiroteio. Ao primeiro corço, abatido na manhã do dia 15, viera juntar-se um segundo, capturado pelo padre Luisier no rio Homem. Era evidentemente um dos corços feridos

area restricta, onde parecia impossivel organizar uma batida fructuosa. Mas agora nitidamente se comprehendia que, contra todas as apparencias, no Gerez se deve optar sempre pelo cerco de pequenas areas e abandonar a

tactica das grandes batidas envolventes, a principio executadas pela necessidade de distribuir portas a oitenta caçadores. A lição não deixava duvidas. Ia confirmal-a a segunda batida

d'essa tarde, em que mais tres corços cahiram em pouco mais de uma hora, quando o mestre Seraphim já não dispunha senão de uns trinta caçadores, por terem os restantes

tomado o caminho do Gerez, sob a ameaça de novas bategas de chuva. Mal abrandára a trovoada, o mestre Seraphim dispuzera os batedores para a montaria da encosta de Palheiros e, com essa segurança e decisão que o tornam, nos momentos decisivos, um chefe inexcedivel, distribuiu todas as espingardas de que dispunha n'uma linha de esperas em espiral, certamente perigosa, mas de resultados seguros. Foi assim que, dostres corços cercados, nenhum escapou illeso. Julio Ferreira dos Santos Silva e Bastos Pereira, em tiros successivos, alvejavam o primeiro corço levantado. Instantes depois o batedor Adelinho Afonso Lourenço abatia o segundo com um tiro magistral e o mestre Seraphim epilógava a batida fulminando o terceiro, a cincoenta metros, com um tiro ao peito, em corrida, que

bastaria para fazer a reputação de um caçador. Das seis peças mortas de caça grossa apenas estes dois ultimos corços, abatidos pelo mestre Seraphim e pelo batedor Lourenço, podiam entrar em linha de conta para o apuramento de uma classificação final. Sobre os restantes havia duvidas, que impossivel se

tornava esclarecer em peremptorias decisões de um jury. Com excepção do corço apanhado pelo sr. padre Luisier, que pelas circumstancias singulares em que fôra capturado estava ao abrigo de quaesquer reclamações dos caçadores, apurára-se que sobre os tres corços restantes tinha convergido o fogo de espingardas diversas. Mas se era difficil distribuir conscienciosamente as honras da caçada entre os sete caçadores que para si as reclamavam, isso em nada prejudicava a justa avaliação dos esforços collectivos com que cada um por sua parte, sem excepção, contribuiu para o successo do arrojado empreendimento da

Illustração Portuguesa.

Se não fôra possivel lisongear a vaidade de um caçador entre tantos, attribuindo-lhe as honras exclusivas da partida de caça que vinha de realisar-se, essa circumstancia mais vinha consagrar a cordealidade affectuosa inalteravelmente mantida entre todos os caçadores durante tres dias da excursão venatoria. Pode á primeira vista parecer mesquinho o resultado de um tão grande esforço perante um quadro de caça onde apenas figuravam seis corços e umas oitenta perdizes,



A guarda florestal

e não faltava quem evocasse a primeira caçada da «Iberica» nas suas coutadas de Hespanha, onde o conde da Ribeira, o visconde do Tojal, José Mattos Braamcamp, José e Simão da Veiga, José Ahrens, Jorge Rebello da Silva, Carlos Quintella, o dr. Arthur Ravara, José V. Cardoso, Carlos Pinto Bastos, Sebas-

tião Atalaya, Manuel Frago- so, Jayme e Eduardo Frago- so, de Sequeira e Salvador Duarte, de companhia com outros tantos caçadores hespanhoes, abateram em seis dias doze javalis e sete veados. Essa caçada celebre, das mais fructuosas que caçadores portuguezes teem realisado n'estes ultimos vinte annos, não pôde porém pôr-se em confronto com o *raid* venatorio do Gerez, effectuado em terrenos da serra, n'uma area vastissima por onde facilmente a caça se tremalha e levada a effeito

antes definitivamente a conquistou. Exc'uidas astapadas reaes, a maravilhosa serra do Minho continia sendo o ultimo reducto de caça grossa do paiz, onde o caçador portuguez pôde ainda, sem transpôr as fronteiras, experimentar as fortes emoções das montarias. A cabra brava, a elegante e rara *capra hispanica* de Schimper, essa é que desertou, dizimada, das agrestes solidões da serra. Ha que voltear pela Mourella e pela Nevosa, n'uma expedição escrupulosa e paciente, para encontrar os seus derradeiros descendentes foragidos. O mysterio continua assim a



A encosta de Palheiros, onde se realitou a ultima batida

no acelerado praso de tres dias, consumidos, na sua maior parte, em ascensões e marchas fatigantes. Para poder fazer-se a analyse imparcial das caçadas do Gerez é indispensavel destacar de entre os seus variados episodios o facto capital representado pelas duas breves batidas do dia 17. Em pouco mais de duas horas de faina, ainda prejudicada por chuueiros copiosos, cinco corços foram abatidos em terrenos accidentados e abertos, tendo sido alvejados no decurso dos tres dias quinze corços e avistado um porco fóra do alcance de tiro. O Gerez não perdeu com a caçada promovida pela *Illustração Portuguesa* a sua fama venatoria;

envolver a sua existencia, embora affirmada por depoimentos numerosos.

Contra a sua extinção total trouxe a *Illustração Portuguesa*, com o documento publicado no seu numero de 21 de setembro, um desmentido formal, que não consente nem receia as duvidas dos mais incredulos. O palpitante problema posto por esta revista, como motivo inicial para a expedição cynegetica emprehendida, se não ficou resolvido tambem não ficou abandonado. De alguém sabemos que tomou a decisão de proseguir nas investigações principiadas, levando-as até ao fim, sendo possivel que ainda este anno um grupo de caçadores, seguindo o curso do

Misarella, emprendam uma serie de batidas nas serras da Mourella e da Nevosa.



A condução para o Gerez dos tres corços mortos na encosta de Palheiros

Debaixo do ponto de vista scientifico tambem não foi infructifero o emprehimento ambicioso e arrojado da *Ilustração Portuguesa*. No nosso proximo numero publicaremos um interessantissimo artigo, no qual um dos illustres naturalistas que acompanhavam a excursão esboça n'um estylo despretençioso e elegante o relatório dos trabalhos levados a effeito pela missão scientifica no sentido de completar os estudos da fauna e da flora da serra, considerada desde ha muito como a mais interessante região do paiz, sob o ponto de vista da zoologia e da botanica.

Tendo inaugurado em Portugal com a excursão ao Gerez o salutar sport do *camping*, a *Illus-*

tracção Portuguesa encontrou ainda compensação bastante para as despezas e os riscos do seu commettimento audacioso com o haver chamado as attentões geraes sobre uma das nossas maiores e mais ignoradas maravilhas da natureza. Diante dos seus propositos generosos e do exito que os coroou, que importancia podem merecer os debates mesquinhos, apenas alimentados pela vaidade, e que se resumem em

mentamente se disputasse, n'um duello de vaidades e soberbas excitadas, o premio com que S. M. El-rei quiz honrar a iniciativa da *Ilustração Portuguesa*. Fazer d'esse premio um pomo de discordia seria retribuir com grosseria insolita a gentileza do soberano, que teve apenas, ao offercel-o, a intenção de expressar o interesse que lhe merecia a nobre empreza a que se abalancára, sem olhar a sacrificios e despezas, esta revista, animada pelo triumpho do *raid hippico* de 1907.



A ponte de S. Miguel

tracção Portuguesa encontraria ainda compensação bastante para as despezas e os riscos do seu commettimento audacioso com o haver chamado as attentões geraes sobre uma das nossas maiores e mais ignoradas maravilhas da natureza. Diante dos seus propositos generosos e do exito que os coroou, que importancia podem merecer os debates mesquinhos, apenas alimentados pela vaidade, e que se resumem em

averiguar qual foi dos caçadores quem deu mais tiros, qual d'elles foi que matou um corço alvejando simultaneamente por tres ou duas espingardas? Não constituiu a caçada do Gerez um torneio onde ciu-

devemos, para honra de todos nós, procurar em pequenas e passageiros discordias, sempre inevitaveis em numerosas reuniões de homens, mas no festivo banquete do dia 17 e no entusiasmo alegre em que elle decorreu.

Depois das chuvas que interromperam as duas batidas d'essa tarde memoravel, o céu limpára e o sol reaparecera. O regresso ao Gerez, através a floresta que tres dias antes atravessáramos ao lusco-fusco da madrugada, fez-se por um entardecer ameno, de uma serenidade de syncope depois da violenta convulsão atmospherica. No aroma das terras humidas parecia exhalar-se a pro-



Os socios do Joannino Club de Braga, que depois de haverem prestado á Illustração Portugueza os mais penhorantes serviços levaram ainda a sua gentileza ao extremo de virem exprativamente de Braga esperar os caçadores em Albergasia

pria alma vegetal da floresta. De novo as trompas soavam n'uma despedida melancholica. Vista do alto do monte da Preguiça, a povoação do Gerez illuminada dir-se-hia um scenario de magica. Um pederoso holophote, installado por Emilio Biel na sua propriedade, projectava sobre as montanhas fronteiras um luar intenso, milagrosamente invertido pois que subia do valle pelas encostas, recortando na treva as silhuetas dos cumes. No jardim da residencia do regente florestal pareciam ter cahido do céu constellações. A avenida fulgurava como se sobre ella houvessem estendido um velario luminoso. O estrallear dos foguetes, o som das musicas e o borborinho da multidão animavam o quadro festivo em que o Gerez recebia os caçadores na sua descida da serra, depois dos trabalhosos dias de caçada.

As mesas para o jantar tinham sido postas n'um terrapleno ensaiado do parque, á margem do rio, debaixo do arvoredor. Profusamente illuminado á moda do Minho, o grande recinto resplandecia, embandeirado. Dos ramos das arvores, como milhares de fructos luminosos, pendiam baldes, n'um arranjo exotico de scenographia japoneza; e

as tres grandes mezas, adornadas de flores, com os seus cento e cincoenta talheres e os seus creados de casaca de repente nos chamavam para os confortos emolientes de uma civilisação de que andaramos afastados por tres longos dias, voltando pela serra.

Quando, ás oito e meia da noite, o interminavel jantar, que iria prolongar-se até depois da meia noite, principiou, quantas saudades por essas viridentes florestas e esses escabrosos montes começavam já pousando nos corações! Todos evocavamos agora as alegrias saas d'esses tres dias



Joaquim dos Santos Leitão



O Gerez em festa: esperando os caçadores na tarde do dia 17

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

de liberdade, com os sonhos profundos e reparadores do acampamento, as ascensões corajosas da montanha, o despertar das madrugadas, entre o cantar das cotovias e o aroma recendente das urzes, os rumores das batidas, as espectativas ansiosas das esperas, a corrida vertiginosa dos corpos pelas encostas, as refeições das Abrotegas, e até os contratempos arrelhiadores das bagagens retardadas e das ventanias nocturnas do planalto. Todos tinhamos agora a noção da grandeza que revestira aquella aventura e sentiamos o consolado orgulho de havermos participado n'ella.

E' que tinhamos feito o que nunca ninguem fizera e que talvez nunca mais voltará a fazer-se!

A EVOLUÇÃO DA DAHLIA EM PORTUGAL



*Aspecto geral
da exposição de dahlias,
na estufa
do Jardim Botânico
de Lisboa*



*Typo da dahlia antiga,
com lígulas curvadas e tubulosas.*



*Dahlia Gloise de Paris, do typo
antigo apresentando um começo
de transformação nas lígulas*

A dahlia foi descoberta, nos primeiros annos do seculo XVII no Mexico, pelos hespanhoes, mas só em 1780, mais de um seculo depois, foi trazida para a Europa, onde, de começo, se cultivou como planta economica, não tendo, porém, nenhum Vatel conseguido, apezar das mais engenhosas combinações culinarias, tomar as suas raizes tuberculosas comestiveis. Ao mesmo tempo a flôr repolhuda, pesada e deselegante da dahlia antiga não obtivera, naturalmente, senão um escasso emprego nas decorações dos jardins.

Parecia, pois, que o desherdado specimen da flora mexicana estava, além de condemna-



*O sr. H. Coynex, o illustre
director do Jardim
da Escola Polytechnica
(CLICHÉ DA PHOT. SOBRAL)*

do a não fazer carreira como planta alimentar, que o paladar europeu intransigentemente repudiava, votado tambem a um destino obscuro e muito secundario como planta de ornamentação, desprezada pelos floricultores, quando, inesperadamente, appareceu triumphante, gloriosa, a dahlia Juarezi, lançada no commercio horticola em 1880 por uns cultivadores de Erfurt. Foi uma verdadeira revolução, que após estes vinte oito annos transcorridos acaba de alcançar, na recente exposição do Jardim da Escola, o mais completo e brilhante exito.

Não ha hoje, de resto, quem não conheça já a dahlia cactus,

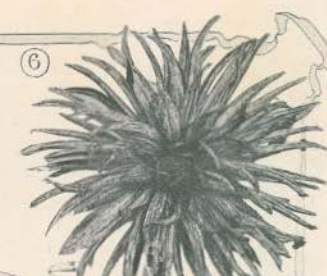


3—*Dahlia Souvenir de Gustave Doazan*, pertencente ao genero hybrido denominado decorativo, que constitue um passo de transição para as formas cactus. Cór de tijolo carregado.

4—*Dahlia decorativa Deuil de Marguerite*. Vermelho purpuro avelludado, com o reverso mais claro.



5—*Dahlia cactus D. Palmyra Feijão*. Cór violacea, com as pontas das ligulas mais claras.



6—*Dahlia cactus Ascenção Branco*, com as ligulas enlaçadas, de cór branco creme pontilhado e estriado de carmin vivo.



7—*Dahlia cactus D. Laura Arbués Moreira*, com as ligulas imbricadas no centro, de cór branco puro ligeiramente estriado de carmin.

8—*Dahlia cactus Maria Thereza Lopes*, com as ligulas muito finas, de cór de rosa pallido, tendo as pontas brancas

9—*Dahlia cactus Madame Henri Cayeux*, com as ligulas finissimas, de cór de rosa acarinado carregado, com o reverso mais claro

10—*Dahlia cactus Bicolor*, de cór amarella, com a extremidade das ligulas branco puro

com os seus capitulos dobrados, mas sem a horrenda forma globulosa das antigas variedades, com as suas ligulas finas e delicadas, com a sua extensa escala de côres, quer uniformes, quer estriadas ou marmoradas, com o seu porte gracioso, com a imponente belleza, enfim, que a constitue uma rival victoriosa do chrysanthemo. Para mostrar a larga evoluçõ realisada pela dahlia reprodúzimos, ao lado das principais variedades portuguezas alcançadas este anno, e que se encontravam na exposiçõ, um exemplar do typo antigo e algumas formas de transiçõ. Não deixa de ser curioso comparal-as, e pode assim apreciar-se a profunda transformaçõ realisada.

Em Portugal, a dahlia cactus tem tido um

Mirriñique. *Dahlia cactus* de forma nova, vermelho asalmoadado tendendo para violeta

amante disvelado, um apaixonado cultivador, a cujo entusiasmo deve o seu maior e mais rapido successo. Esse devoto é Henri Cayeux, cujas sementeiras e fundações artificiaes tem produzido uma serie de admiraveis variedades e deram este anno uma forma nova, de notavel belleza, apresentando uma disposiçõ original das ligulas. O desenvolvimento do gosto pela dahlia deve-se principalmente á sua propaganda, feita pela escripta desde 1900, em um interessante livro sobre a cultura da sua planta favorita, feita pelas exposições, feita pelas suas cuidadas seleções e magnificas obtenções novas.

D. Alda de Carvalho *Dahlia cactus*, de forma nova, com as ligulas enroladas terminando na extremidade semelhantemente a uma unha. Fundo amarello manuçado por um delicado cór de rosa. Colorido muito distincto





Um trecho da exposição de Dahlias, constituído por um admirável grupo de flores e mostrando o sobrado aspecto da estufa

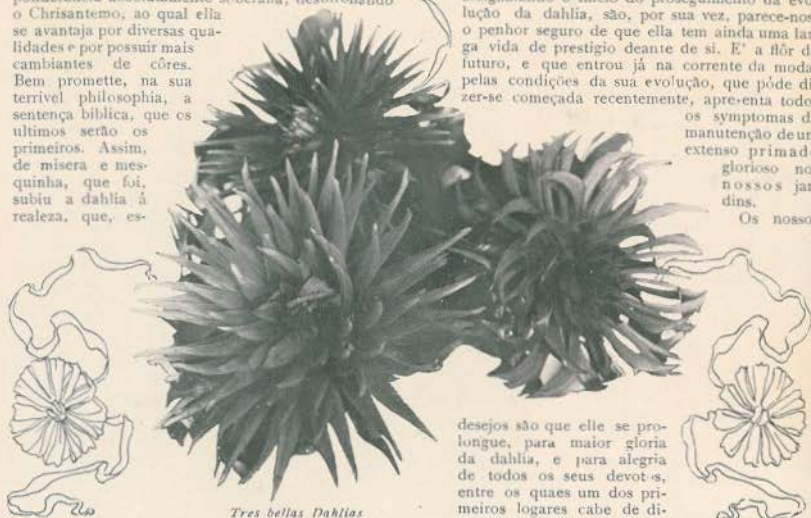
O culto da dahlia, que se vai vulgarizando em Portugal, e que tem no distincto horticultor o seu maximo sacerdote, não attingirá decerto o grau intenso que alcançou na Hollanda o da Tulipa. Mas, a antiga flôr mexicana, que tantos desdens supportou, vai em bom caminho de se vingar de todos, adquirindo nos jardins actuaes uma preponderancia absolutamente soberana, destituyendo o Chrisantemo, ao qual ella se avanta por diversas qualidades e por possuir mais cambiantes de côres. Bem promette, na sua terrivel philosophia, a sentença biblica, que os ultimos serão os primeiros. Assim, de misera e mesquinha, que foi, subiu a dahlia á realza, que, es-

peramos, conservará por muito tempo. Os que visitaram, na semana passada, as estufas do Jardim Botânico, onde Henri Cayeux expôz, formando um quadro incomparavel e o mais bello conjunto floral que possa imaginar-se, cêrca de um milhar e meio de dhallas, quantos se extasiaram na contemplação do bello espectáculo, que as radiosas flores offereciam, farão, por certo, eguaes votos.

E as novidades tão originaes obtidas este anno, assignalando o inicio do proseguimento da evolução da dahlia, são, por sua vez, parece-nos, o penhor seguro de que ella tem ainda uma larga vida de prestigio deante de si. E' a flôr do futuro, e que entrou já na corrente da moda; pelas condições da sua evolução, que pôde dizer-se começada recentemente,

apresenta todos os symptomas da manutenção de um extenso primado glorioso nos nossos jardins.

Os nossos



Tres bellas Dahlias
(CLICHÉS DE BENOLIEL)

desejos são que elle se prolongue, para maior gloria da dahlia, e para alegria de todos os seus devotos, entre os quaes um dos primeiros logares cabe de direito a Henri Cayeux.

O THEATRO POR DENTRO



Ensatando um «cake-walk»

PARA ALÉM DO PANNO DE BOCCA ♣ A
CAIXA DAS SURPREZAS ♣ A VIDA
DE ARTISTA ♣ A ILLUSÃO E A REALIDADE
♣ OS ACTORES DE OUTR'ORA E OS DE HO-
JE ♣ PRECONCEITOS ERRADOS

corrida que separa a sala de espectáculo, onde por uma quantia relativamente diminuta qualquer cidadão compra o direito de passar tres ou quatro horas apraziveis, do palco onde dezenas de pessoas se esforçam porque a esperança d'esse espectador não fique desilludida,

é uma parede do genero das que inspiraram ao Mestre a reflexão supra.

Um espectador puro, que nunca tenha penetrado na caixa d'um theatro e não tenha circulado através do labyrintho de *re-pregos fundinhos, machinas, pannos curtos, fraldões e pannos de fundo* que atravancam, á noite, o tablado d'um palco, volta



A espera da deixa para entrar
— Tomando precauções

Dizia Victor Hugo que nada excita tanto a curiosidade do publico, como *un mur derière lequel il se passe quelque chose*. O panno de bocca de um theatro, cortina





Calçando a meia

cognitas profundidades, cedendo o lugar a uma risonha campina.

Tudo quanto no theatre parece succeder com a maior singeleza e facilidade é fructo de um labor enorme, de uma longa e complicada preparação



O ultimo toque no cabello—Frente ao espelho

sempre do espectáculo com uma curiosidade insatisfeita. Depois de se ter divertido com as peripecias da peça, não se deita sem magicar alguns minutos nas artes desconhecidas que fazem com que um templo indio se transforme n'uma gruta e com que um navio, com toda a sua tripulação, se subverta para in-





Os pequenos toques

em que ha esforços que nunca chegam a ser apreciados, difficuldades vencidas em que ninguém repara.

A vida interior de um palco é cheia de pittoresco para os que a observam sem tomar parte n'ella; para os que trabalham é ardua, extenuante, com gratas compensações ás vezes, com amargas desillusões quasi sempre.

Poucas vidas são tão plenas de surpresas e de alternativas como a d'esses *pelerins des planches*, cujo encargo no mundo é divertir os outros e teem o dever de serem sempre alegres, interessantes e cheios de imprevisto, embora para isso tenham de esquecer as maiores maguas e disfarçar as mais fundas amarguras. Longe vae, no emtanto, o tempo em que os comediantes eram seres á parte, d'uma classe desprezada, parentes bastardos dos bobos e dois furros abaixo dos galgos de estimação. Quem diria aos tróes d'outras eras, que, sordidos e mi-



seraveis, percorriam estradas sem fim, errantes e vagabundos, representando aqui e acolá farças, autos e mysterios, que Irving viria a descansar sob as abobadas do Pantheon de Inglaterra, que Coquelin seria o amigo intimo de varios principes de sangue e que muitos outros artistas, cuja lista é longa, veriam brilhar sobre o peito, mercê do seu trabalho, as condecorações que os conselheiros auferem sem fazer cousa nenhuma.

Os actores são hoje considerados e, se alguns preconceitosse erguem ainda contra elles, não são os artistas in teiramente os culpados. Os habitos de bohemia que muitos d'elles conservam e lhes acarretam o desdem dos quarenta maiores contribuintes, das se-
nhoras as-



thmaticas e restantes creaturas que se deitam ás dez horas da noite são filhos da propria profissão e merecem a benevolencia da gente esclarecida. Embora não pareça, ha actores que não devem nada a ninguém, usam botas com todas as solas, tomam chá com a familia e teem dinheiro no Monte-pio como qualquer hervanario. Pelo que respeita ás mulheres, se é facto que umas gastam alegremente os annos da sua mocidade, certo é tambem que no theatro se encontram esposas modelares, companheiras fidelissimas, mães carinhosas e muitas actrizes teem feito casamentos honrosissimos para ambas as partes contractantes.

O TRABALHO NO THEATRO ❀ OS ENSAIOS

❀ A PROVA, A MARCAÇÃO
E O APURO ❀ O CALVARIO
DO MAESTRO E DO ENSAIA-
DOR ❀ O SCENARIO, O GUAR-
DA-ROUFA E O ENSAIO GERAL

Um dos preconceitos que ainda existe contra a gente de theatro é que a vida de palco é uma vida de mandria e doce panria. Para muita gente a vida de um actor é levantar-se ás quatro, fu-

mar cigarros á porta do Suisso, representar meia duzia de facécias á noite e tuesnoitar até á alvorada. Estranhamente surpresos ficariam os que assim pensam, se lhes fosse dado presenciar os esforços e o trabalho que se empre-



A costureira em funcões



O pé d'arroz

referencia geral um theatro de operetta, onde a vida é mais agitada e cujo melhor exemplar entre nós é o theatro Avenida, actualmente predilecto do publico do genero alegre. N'elle foram colhidas as illustrações d'este artigo e o enxame de mulheres bonitas que o povoam muito contribuirão para que a photographia amenise a semsaboria d'estas linhas.

gam para que o espectador, que tem disponivel a noite e o custo do bilhete, esteja divertido durante algumas horas.

Em rapidas notas, sem pretensão e descosidas, para esses que não fazem ideia do que seja um theatro por dentro, eu me esforçarei por descrevel-o a traço largo, tomando para

Uma peça começa por dar trabalho ao auctor, desde que não seja roubada, o que acontece muita vez infelizmente... para o auctor desconhecido e espoliado. Mas não tratemos d'isso. Entregue a peça, ti-

rados os papeis e a copia, marcada pelo ensaiador, extrahidos os roteiros de guarda-roupa, adereços e scenario, principiam os ensaios, que começam todos os dias á mesma hora em que os amanuenses vão para a repartição e os directores geraes se voltam para o outro lado. O primeiro ensaio é de leitura. No palco, erguidos os pannos e arrumados os repregos, sentam-se os artistas que devem entrar na peça e o auctor faz a sua leitura. Os artistas escutam ou não e o pae da obra lá vae dizendo da sua justiça, espreitando pelo canto do olho a physionomia dos circumstantes. E' por assim dizer o primeiro contacto com publico e se os actores riem com vontade e se as actrices se interessam pelas passagens palpitantes, o auctor fica mais animado para a rude batalha que vae travar. Nos dias seguintes pro-



Ajustando a malha

seguem os ensaios. Primeiro o de prova para acertar os papeis com o original, depois os de marcação, isto é aquelles em que se fixa a movimentação das figuras, pois, ao contrario do que muitos supõem, o actor não dá um passo em scena, não toma uma attitude que não esteja fixada e determinada pelo ensaiador. Marcada a peça e rectificada, segue-se a longa serie dos ensaios normaes em que os actores vão lendo os seus papeis, figurando com cadeiras as aberturas do scenario e phantasiando a existencia dos adereços que mais tarde hão de vir. Após duas longas horas de ensaio do poema, passam ás mãos do maestro, que de ouvido lhes propina as arias e melodias da peça. N'uma companhia ha sempre varios rouxinoes que cantam logo á primeira investida. Abundam porém os pardaes de telhado que levam a piar tardes inteiras, pondo o sal na moleirinha ao desditoso maestro. Saem os artistas, veem os coros, homens ou mulheres, e ahí temos outras duas horas de matraquear no piano, de repetições, de filias, de impaciencias ás vezes, de resignada decisão quasi sempre. Aquillo tem que ser por força!

Passado um tempo, começam os ensaios de apuro do poema. Poem-se os papeis de lado, ensaiam-se os gestos definitivos e affirmam-se as inflexões que o ensaiador corrige. Finalmente chega-se aos



Disfarçando o vermelho



Um ensaio de junção

ensaios de conjuncto. Juntam-se coros e figuras. O piano installa-se no palco. Escolhem-se os grupos e começa então o mais difficil da tarefa: dar unidade áquelles elementos todos, ordenar os movimentos das massas coraes, harmonisal-os com a musica da orchestra, improvisar bailados, marchas e contramarchas. Ahí se affirma o valor do encenador, como agora se diz. Vinte vezes se repete uma entrada, outras tantas se corrige os gestos desencontrados, até que ao mesmo tempo se levantem as pernas, se arqueiem os braços ou se curvem as cabeças. Quem nunca presenciou esse trabalho, quem nunca viu um ensaiador ou um auctor, congestionado e rouco, gritar, insistir e barafustar, não pode fazer idéa do que sejam esses ensaios extenuantes dos quaes se sae, já luzes accesas, pa-

sem duvida uma das que mais contribuem para a illusão, senhora d'esses paços que se chamam palcos. A scenographia, arte difficilima, opera verdadeiras maravilhas. N'uma extensa e larga folha de papel se desenham os lon-



No descanso

Um pouco de má lingua

ra ir jantar muito á pressa e para estar hora e meia depois no theatro para trabalhar. Chegam finalmente os ensaios de orchestra e por fim os ensaios com scenario.

O scenario é uma parte curiosa do theatro e

Ensaio de uma romanza

ges, a atmospha e os motivos de decoração mais afastados. N'outras tiras lateraes se apontam os detalhes principaes. Em folhas soltas e caprichosamente recortadas se determinam os accessorios, estatuas, rochas, casas de habitação, o diabo emfim.

Uma longa travessa de madeira em cima, outra em baixo, mais duas a atravessar, tiras de lona para dar resistencia, rede de cordel para amparar os recortados, cordas para içar os pannos grandes, escoras para segurar os repregos, lampadas electricas e aqui tem os elementos que aos olhos do publico hão de figurar uma mansão ideal, tendo ao fundo uma escadaria de mil degraus que esmorece n'um terraço onde dá o luar, ladeada por columnatas em cuja base se encostam estatuas preciosas e encimada



por uma cobertura de flores do mais extravagante colorido. E' por entre estas maravilhas de papel recortado e de cartão pintado que se ultimam os ensaios. Apuram-se as plantações e as mutações com a marcação e chega por fim o ensaio geral.



são mais umas preocupações a acrescentar a tantas que os artistas teem.

No ensaio geral tudo se faz a valer. Na plateia estão jornalistas amigos da empresa e inimigos intimos do auctor. Na friza de bocca a teosoura implacavel da censura que



Antes do ensaio

Durante todos os ensaios tem-se trabalhado no guarda-roupa, dezenas de costureiras e alfaiates teem dado vida ás phantasias do desenhador que aguardou os figurinos e as provas demoradas, as compras de fitas, flores, calçado, malhas e luvas,



Armando a scena — Recensificando a marcação

vela pela moralidade (?) e pelo prestigio das instituições varias de que se compõe a sociedade organizada. Retoca-se, corta-se, acrescenta-se, fazem-se ainda substituições apressadas e terminado es-



se ensaio, que, em geral, dura até às quatro da manhã, está tudo a postos para a primeira representação.

A PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO ♣ A GRANDE BATALHA CAMPAL ♣ VENCIDOS OU VENCEDORES? ♣ COROA DE LOUROS OU RESTEA DE ALHOS

No dia seguinte da banda de dentro do panno é a grande azafama d'um combate decisivo. Todos procuram armar-se: o empzeario dando ordens á claque, o auctor fazendo uns córtes de ultima hora, os artistas scismando em novos effeitos e recordando os papeis, os scenographos ahuando mais uma vez os pannos e repregos, o *costunier*

pondo á pressa mais um laço e mais umas lantejoulas. No campo inimigo, na plateia, os criticos officias dos jornaes que dizem sempre bem e os criticos officiosos de botequim que dizem sempre mal. Ha na sala uma atmospherá especial. Todos em scena teem o coração oppresso. Atraz de um bastidor ou no fundo de um camarim ha uma alma penada, soffrendo o peor dos supplicios: é o auctor. Se a peça é feita em collaboração o susto é repartido e os dois anciosos olham se perplexos como



No ensaio geral—Um ensaio vestido

dois caran-
gejos de lou-
ça das Caldas.
Esperam a pri-
meira gargalha-
da com aquella
dolorosa impa-
ciencia, a mesma
ancia com que
um enamorado
espera a primeira
vinda da mulher
amada. Por fim,
na melhor das
hypotheses, re-
sôam uns applau-



são vae na pra-
ça. Finalmente
uma versalhada bem
cabida decide do
sucesso do acto.
Cae o panno. Veem
os auctores, ainda
meio enfiados. Pela
caixa dentro irrom-
pe um tropel de gen-
te amiga. Parabens.
Se os dois outros
actos vão na esteira
do primeiro, o rego-
sijo é geral em to-
da Saragoça.



sos. São bisados
uns couplets. Lo-
go a seguir um
dito do compa-
re é recebido
com uma salva
de riso. Todos
cobram animo.
A representação
aquece. O em-
prezario anima-
se, bate no hom-
bro do auctor.
«Temos peça»,
diz elle, sem se
lembrar que
ainda a procis-



Se a peça foi um
estenderete, então é
que são ellas. O au-
ctor passa logo á ca-
thegoria de asno
chapado seja qual
fôr o seu passado e
desde o patrão até
ao porteiro, todos o
miram com desdem
e encolhendo os
hombros murmuram
entre dentes:
«Ora meu amigo!
Outro officio...»

ANDRÉ BRUN.
(Continúa.)

A FESTA ESCOLAR DE LISBOA NO PARQUE DAS LARANGEIRAS



*Sua Magestade El-Rei fazendo a entrega das bandeiras oferecidas pela Liga Naval
às escolas primarias
— Um aspecto do Parque na occasião da distribuição das bandeiras*

Na quarta-feira 24 de outubro realizou-se, no parque das Laranjeiras, a festa anual das escolas de Lisboa,

1 — Entrada do parque das Laranjeiras onde se realizou a festa escolar

2 — S. M. El-Rei e comitiva dirigindo-se ao pavilhão



sendo a distribuição dos prémios feita por Sua Magestade El-Rei. A essa verdadeiramente parada infantil concor-

3 — S. M. El-Rei com o sr. major Waddington, inspector das escolas primárias, assistindo ao desfile

4 — Orpheon dirigido pelo maestro Caldeira





1—Sua Magestade El-Rei atravessando por entre as creanças para se dirigir ao pavilhão

2 e 3—Desfile dos collegios
4—Uma escola popular

(CLICHÉS DE RENO-LIEL)

reram mais de dez mil creanças, e pode imaginar-se, por este resumo, a animação que n'essa tarde encheu as ruas, os canteiros, todos os recantos da celebrada quinta do conde de Farrobo, e que seguramente excedeu quantas ella viu nos seus dias



anteriores de maior fausto.

A festa decorreu sempre no meio do mais quente entusiasmo e alegria da parte dos seus milhares de concorrentes, e pode dizer-se que foi um dos maiores dias de triumpho que a causa da infancia tem ultimamente alcançado.

O MARECHAL HERMES DA FONSECA EM LISBOA



A bordo do Cap Villan: Da esquerda para a direita os srs. tenente coronel Almada, vice-consul Sarmiento, dr. Oscar de Toffé von Hoonholtz, capitão Deschamps, Mario Ramos, marechal Hermes da Fonseca, major Pradel, tenente Mario Fonseca, dr. Freitas, major Tasso Fragoso e Hermes da Fonseca, filho

—Madme Hermes da Fonseca e o encarregado de negocios do Brazil.

—O marechal Hermes da Fonseca conversando com o sr. José Antonio de Freitas

(CLICHÉS DE BRNOLIEL)

O COMICIO REPUBLICANO



No domingo 26 do mez passado realisou-se, em um vasto recinto da avenida D. Amelia, com uma grande concorrência popular, o comicio promovido pelo partido republicano com o intuito de realizar a apresentação á cidade dos candidatos municipaes.

O comicio é um espectáculo a que Lisboa se habituou ja, e a que não deixa nunca de concorrer sempre com o mais vivo interesse. O da semana passada não fallou a esta regra, e a agglomeração do povo que a elle assistiu, foi sem duvida bastante numerosa, não havendo, contudo, felizmente, qualquer alteração, da ordem a lamentar.

Além de tres dos candidatos os srs. Thomaz Cabreira, Miranda do Valle e Cunha e Costa, usaram da palavra os srs. drs. Theophilo Braga, que presidiu, e Manuel d'Arriaga.



COMPREM AS SEDAS SUISSAS

Peçam as amostras das nossas SEDAS NOVIDADES em preto, branco ou côr, de fr. 1,20 a fr. 15,50 o metro.

Especialidades: Messaline, Crêpe de chine, Taftetas chiffon, etc. para toilettes de passeio, de casamento, de baile e de soirées, assim como para blusas, fur. os., etc. Blusas e vestidos de cambrala e seda bordada.

Vendemos as nossas sedas garantidas sobidas directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.

SCHWEIZER & C.º
Lucerne E fl. (Suissa)
Exportação de sedas

Livraria da CASA ANDRADE

DE Paula & Andrade

Rua Maciel Pinheiro, 52

Parahyba do Norte **BRAZIL**

Accetta consignação de livros e revistas
♦♦♦♦♦♦ de qualquer paiz. ♦♦♦♦♦♦

DISPONIVEL

Companhia
***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianalia e Sobretinho (Thomar), Penedo e Casal d'Herminio (Londra), Valle Maior (Alberca) e garia-a-Velha. ***

*** Escritorios e depositos ***

LISBOA—270, Rua da Princesa. 276
PORTO—49. R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado-Porto—Lisboa. N.º telephon. 505

O THESOURO DA CABELLEIRA

Antiseptico Regenerador Perfume delicioso

PETROLEO HAHN

Evita a Queda dos Cabellos

Recusar, por serem perigosas e inefficazes, quaesquer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.

F. VIBERT, Lyon (França)

DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS E DROGARIAS.

MARKA DE FABRICA



Agencia de viagens

R. Bella da Rainha, 8 LISBOA



ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc.

**Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo
e ao Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hoteis.

**VIAGENS BARATISSIMAS
A TERRA SANTA**

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D. FRANK

Contra FALTA de APPETITE — PRISÃO do ESTOMACHO — OBSTACULO — ENXARQUEA — CONGESTÕES

SEM MUDAR OS SEUS HABITOS, nem diminuir a quantidade dos alimentos, se tomão nas refeições e exercicio o appetite.

Exijam a Etiqueta Juntã em 4 Cores.

T. LEBOY, 96, Rue de Valenciennes, Paris e todas Pharmacias.



Ouvivaria "CHRISTOFLE"

Uma Só e Unica Qualidade
A Melhor

Para obtela e tambem EXIJA-SE esta Marca



o Nome "CHRISTOFLE" sobre cada peça.

INSTITUTO "Cres Cilas" LUCERNA

Linguas modernas
Commercio, Industria
Numero limitado
de
discipulos. Verdadeira
vida de familia.
Local esplendido
Abertura das aulas
em
15 de outubro.



Dirigir-se ao Director do Estabelecimento
Professor A. BACHMANN

ESGROFULA CHLORO-ANEMIA
Authenticas de Paris

PILULAS DE BLANGARD
Exigir o verdadeiro Product

XAROPE DE BLANGARD

40, Rue Bonaparte, PARIS (1.º)

LYMPHATISMO DEBILIDADE

PAPERS

CASTANHEIRO

ESTABELECIMENTO DE PAPELARIA

ESTOFORES ESTOFADORES

TELEPH. 1346 PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 38 - LISBOA

PEREÇO TELEGRAPHICO CASTALI

INSTITUTO de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Agua e cremes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhãs os maravilhosos productos: **Locção Creme e Pó Kiytia**. Instruções para o seu emprego. **Tintura vegetal garantida e inoffensiva**. **Locção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural**. **Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (roia)** para evitar os pelos e facendos-os desaparecer completamente. O Instituto de belleza deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preterindo casas perfumistas ou cabelleiros para effectuar a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O INSTITUTO DE BELLEZA lecciona e da curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

O MELHOR ALIMENTO É O Grape-Nuts

Alimento moderno para crianças e adultos. A melhor e mais leve alimentação para ser tomada ao almoço, ao lunch e à ceia. Todas as pessoas que tem excessivo trabalho intellectual devem tomar este precioso preparado alimentar. Não precisa ser cozinhado.

Vende-se em pacotes de 300 réis.

PEDI EM TODA A PARTE

Elle vos reconstituirá as forças perdidas, dando-vos idéas novas, boa disposição e melhores digestões.

DISPONIVEL

DISPONIVEL

ZEISS

Apparelhos PALMOS

De metal leve com obturador de ranhura

E OS

OBJECTIVOS ZEISS

De todos os tamanhos correntes

PEÇAM-SE PROSPECTOS P. 165.



Binoculos ZEISS

COM AUGMENTO DE RELEVO NAS IMAGENS

NOVOS MODELOS

A venda em todos os estabelecimentos de optica e por

Berlim
Frankfurta M.
Bambugo

CARL ZEISS
JENA (Alemanha)

Londres
St. Petersburgo
Viena

Concurso de 1908

A PROXIMA

EXPOSIÇÃO DE PREMIOS

Realisar-se-ha nos meados de novembro a Grande Exposição dos premios do nosso concurso, desvendo realisar-se, por essa occasião, interessantes festivaes e atracções. A exhibição constará de todos os brindes do *Seculo* e ainda d'aquelles que lhe tem sido e forem offercidos para os colleccionadores de *coupons*.

**Os artistas,
commerciaes,
e industriaes**

que n'elle queiram tomar parte poderão pedir esclarecimento sobre o assumpto todos os dias no Real Colyseu, das 11 às 4 h da tarde ou na administração do *O Seculo*, das 9 às 11 h. da noite.

Concurso de 1908